

## Considerações sobre a prática da economia dos termos de parentesco entre ribeirinhos da Amazônia paraense

*Consideraciones sobre la práctica de la economía de los términos de parentesco entre los ribereños de la Amazonia paraense*

*Considerations on the practice of the economics of kinship terms among riverine of the Paraense Amazons*

Leonne Bruno Domingues Alves<sup>1</sup>

### Resumo

O presente estudo buscou compreender de que maneira práticas linguísticas manifestas no léxico local revelam práticas de parentesco entre ribeirinhos da região tocantina paraense. No idioleto da região tocantina é comum léxicos como *primo*, *parente* e *compadre* utilizados para estabelecer e evidenciar relações sociais, que se enquadram dentro das teorias da aliança de parentesco. Antropólogos, Sociólogos e Linguistas vêm mostrando que a cultura é um conjunto de práticas, e ao mesmo tempo, e por isso mesmo, um conjunto de símbolos, “uma teia de significados”. Não obstante, linguistas já mostraram como a língua, ou seja – e mesmo – o signo linguístico tem a capacidade de serem performáticos, isso quer dizer que, dizer algo para alguém possui o poder de estabelecer relações factuais e pragmáticas. Portanto, sendo o parentesco relações sociais de descendência e/ou filiação de bases reais ou fictícias, e a língua e a linguagem, neste caso, expressões nos seus códigos linguísticos falados, percebo que a linguagem ribeirinha revela e estabelece as relações de parentesco na região tocantina, principalmente no igarapé Acaputeua, na Amazônia paraense, através de um jogo que se expressa e se faz, entre outras coisas, pelos termos de parentesco.

Palavras-chaves: Ribeirinho; Organização Social; Antropologia; Linguística; Amazônia.

### Resumen

El presente estudio buscó comprender de qué manera prácticas lingüísticas manifestas en el léxico local revelan prácticas de parentesco entre ribereños de la región tocantina paraense. En el idioleto de la región tocantina es común léxicos como primo, pariente y compadre utilizados para establecer y evidenciar relaciones sociales, que se encuadran dentro de las teorías de la alianza de parentesco. Los antropólogos, los sociólogos y los lingüistas, muestran que la cultura es un conjunto de prácticas, y al mismo tiempo, y por eso mismo, un conjunto de símbolos, "una red de significados". No obstante, los lingüistas ya se mostraron como la lengua, o sea -y incluso- el signo lingüístico tiene la capacidad de ser performáticos, eso quiere decir que, decir algo para alguien tiene el

---

<sup>1</sup> Mestre em Sociologia e Antropologia pela Universidade federal do Pará – UFPA; Professor de Sociologia do Instituto federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA; Belém, Pará Brasil; [leonne.alves@ifpa.edu.br](mailto:leonne.alves@ifpa.edu.br).

poder de establecer relaciones fácticas y pragmáticas. Por lo tanto, siendo el parentesco relaciones sociales de descendencia y / o filiación de bases reales o ficticias, y la lengua y el lenguaje, en este caso, expresiones en sus códigos lingüísticos hablados, percibo que el lenguaje ribereño revela y establece las relaciones de parentesco en la región en el Amazonas paraense, a través de un juego que se expresa y se hace, entre otras cosas, por los términos de parentesco

Palabras clave: Ribeirinhos, organización social, antropología; lingüística, Amazonia.

### Abstract

The present study sought to understand how linguistic practices manifested in the local lexicon reveal practices of kinship among riverine of the region of Parana. In the idiolect of the region of Tocantins, it is common for lexicons such as cousin, relative and compadre used to establish and evidence social relations, which fall within theories of the alliance of kinship. Anthropologists, Sociologists and Linguists have shown that culture is a set of practices, and at the same time, and for that very reason, a set of symbols, "a web of meanings." Nonetheless, linguists have already shown how language, ie - and even - the linguistic sign has the capacity to be performative, this means that to say something to someone has the power to establish factual and pragmatic relations. Therefore, being kinship social relations of descent and / or filiation of real or fictitious bases, and language and language, in this case, expressions in their spoken language codes, I realize that the riverine language reveals and establishes kinship relations in the region tocantina, mainly in the stream Acaputeua, in the Amazon Pará, through a game that is expressed and is made, among other things, by the terms of kinship

Keywords: Riverine, social organization, anthropology; linguistics, Amazon.

## 1. Introdução

O texto aqui apresentado é resultado de pesquisa realizada como docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA) e durante o campo de minha pesquisa de mestrado pela Universidade federal do Pará (UFPA) em 2017 e 2018. O objetivo aqui é trazer apontamentos que se convertem em tentativas de compreender práticas lingüísticas manifestas no léxico local de ribeirinhos e as práticas de parentesco entre os mesmos na região tocantina paraense, principalmente no Igarapé Acaputeua no município de Igarapé-Miri no estado do Pará na Amazônia brasileira. Entre estes ribeirinhos da região tocantina léxicos como *primo*, *parente*, *compadre* e *sumano* são utilizados para evidenciar relações sociais que se enquadram dentro das teorias de parentesco. Assim a problemática deste trabalho foi pensar de que maneira a linguagem ribeirinha revela e estabelece as relações de parentesco na região tocantina, principalmente no igarapé Acaputeua?

Escrever sobre antropologia e lingüística nunca foi, nem será, tarefa das mais fáceis. Ambas se consolidam como ciência no século XIX; ambas estudam facetas do homem.

Falando a grosso modo a antropologia seria o estudo de costumes e hábitos existentes e das diferentes culturas, e a linguística seria o estudo da linguagem humana e de suas diferentes formas de usar a linguagem. Talvez por isso traçar paralelismos entre antropologia e linguística seja possível, mas não significa que seja simples. Poder-se-ia dizer, segundo Martin (2003), que o linguista é aquele que possui o conhecimento sobre as línguas e sobre a função da linguagem. Então, poderíamos afirmar, também, quem sabe, que o antropólogo seria aquele que detém o conhecimento sobre os costumes existentes e sobre a função da cultura. Contudo, ainda que antropologia e linguística tenham aspectos intercessores, há várias distinções que, não só as distinguem, como podem afasta-las dependendo do pesquisador que se defronte com estas ciências. Tanto a antropologia como a linguística são ciências amplas historicamente, teoricamente, e epistemologicamente. Na definição de Roy Wagner (2010) a antropologia seria o estudo do fenômeno humano – “a mente do homem, seu corpo, sua evolução, origens, instrumentos, artes ou grupos, não simplesmente em si mesmos, mas como elementos ou aspectos de um padrão geral ou de um todo.”, e a cultura seria a um aspecto da manifestação desse fenômeno do homem. A linguística possui grandes pensadores que contribuíram para o estudo da linguagem, e a antropologia se viu em algum momento as voltas com o problema da linguagem, da língua, ou alguma questão semiológica.

Não obstante a isto, este trabalho trás reflexões introdutórias sobre o idioleto local dos ribeirinhos do Igarapé Acaputeua, tomando por base seus termos de parentescos e as ações que conferem-lhe sentido. O trabalho de campo aqui desenvolvido durou em média dois meses entre várias idas e vindas a campo, utilizando-se da observação participante e do caderno de campo, características do trabalho em etnografia. Como já o frisou bem o antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira (2006) o trabalho do antropólogo está assentado num olhar, ouvir e escrever.

## **2. Quando dizer é fazer parentesco no Acaputeua.**

Percebi durante as várias vezes que estive entre os ribeirinhos do Acaputeua que as terminologias aplicadas aos parentes nucleares de Ego não são extensível a nenhum outro parente. Os maridos de suas tias são chamados de tios assim como se fossem irmãos de seu pai ou de sua mãe; suas tias, por sua vez, recebem também a mesma terminologia, não importando se é do lado paterno ou materno. Distingue-se neste caso apenas quando alguém queira saber a que ramo da família pertence o tio ou tia, assim lhes são acrescentados os sufixos por *parte de pai* ou por *parte de mãe*. O que também ocorre com os primos e os

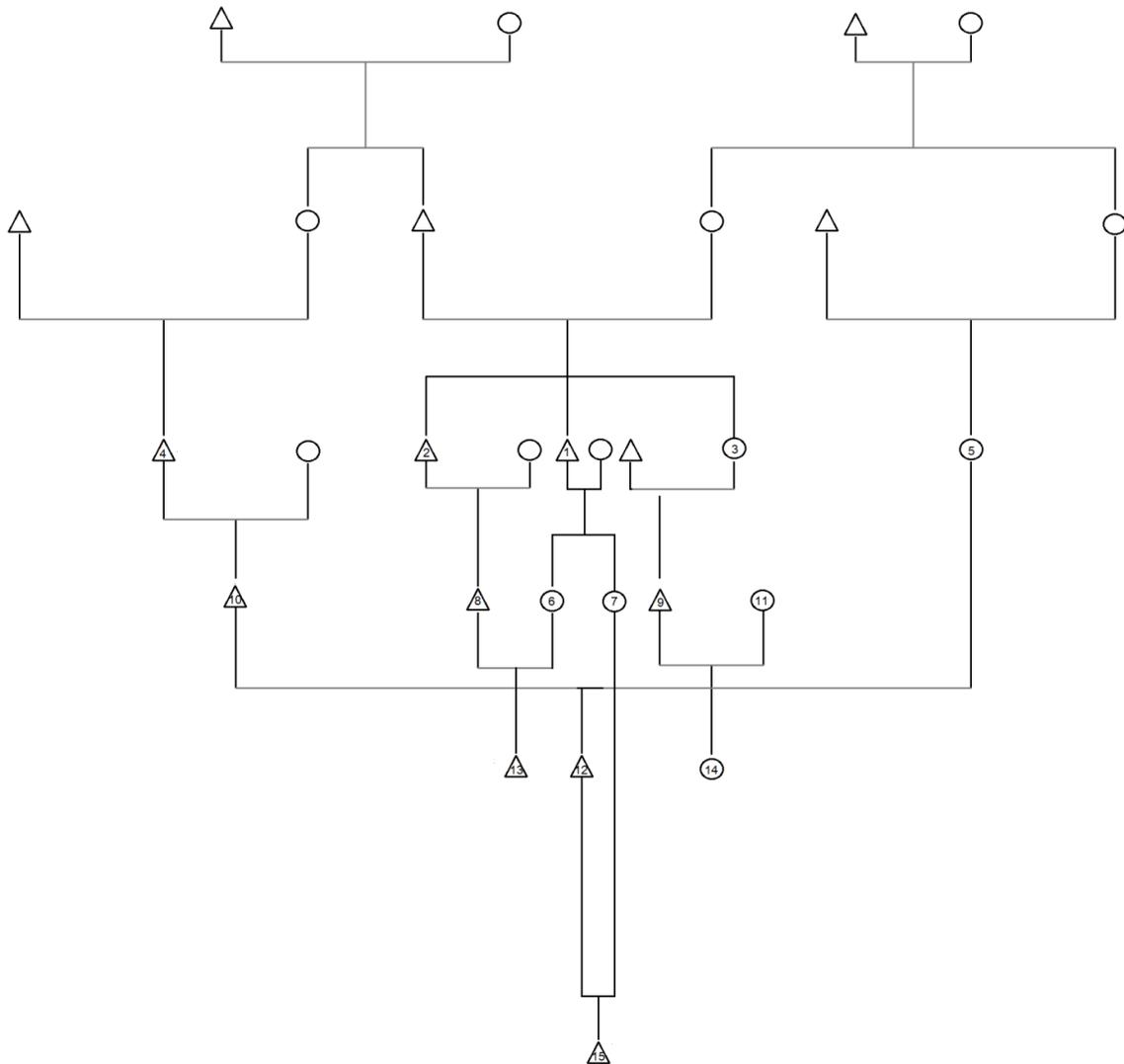
sobrinhos. O termo *por parte* não significa *não fazer parte* da família, mas significa uma forma de lembrar como a aliança é importante, uma vez que *ser por parte* é em alguma medida estar sempre intermediado por uma aliança.

Entre os ribeirinhos do Acaputeua é possível perceber que as relações de parentesco estão no cerne de uma organização sócio-espacial, percebe-se o uso de lexicos capazes de estabelecer relações sociais ou mediar as mesmas. Tais termos são lexicos que expressam relações parentais ou de afinidade; são: *parente*, *primo*, *cunhado* e, com menos frequência no Acaputeua, *sumano*. O sistema de parentesco se constitui um sistema de códigos (Lévi-Strauss, 1982) capaz de expressar a mensagem de um remetente, podendo ser um indivíduo ou um grupo à um destinatário igualmente indivíduo ou grupo.

Quando me refiro ao sistema de atitudes e termos (ou lexicos) de parentesco, refiro-me a relação entre ação social e palavras. Desde Malinowski (2008 [1935]; 1920; 1976) percebe-se a língua como ferramenta ritual e documento etnográfico. A reflexão aqui exposta embasa-se na concepção de que a língua possui performáticos que, ao serem ditos, não descrevem situações, mas realizam atos (AUSTIN 1990), contudo, assumo, ainda, os termos de parentesco não são palavras que estruturam um diálogo entre indivíduos, mas, representam conceitos culturais mobilizados em contextos sócio-linguísticos rituais (SILVERSTEIN, 2004).

Alguns termos são extensivos a outros membros do grupo. São os termos neto e sobrinho. O filho de um primo equivale, na terminologia dos ribeirinhos do Acaputeua, a um filho de um irmão, ambos são classificados de sobrinho, sem a hierarquização de primeiro ou segundo grau. Ao filho do sobrinho é possível receber, por parte de Ego, a terminologia de neto. Constatei por vezes esses termos serem aplicados entre os ribeirinhos do Acaputeua. Vários indivíduos tomavam a benção dos primos de seus pais tratando-os por tios; assim também os indivíduos chamam mais de um indivíduo de avô ou avó.

Figura 1- Diagrama de parentesco dos ribeirinhos do Acaputeua. Construído com auxílio do software Genopro.



Na figura acima, percebe-se que Ego se relaciona ao menos de duas formas com parentes da periferia da estrutura. Os indivíduos 4 e 5 são primos de Ego, quer dizer que são filhos de seus tios (sendo indiferente se patrilíneo ou matrilíneo). O filho do indivíduo 5 (indivíduo 12), portanto, de acordo com a terminologia dos ribeirinhos do Acaputeua, é sobrinho de Ego. Porém, 12, além de ser filho da prima de Ego, é filho do Sobrinho (indivíduo 10) de Ego, portanto, na terminologia utilizada no igarapé Acaputeua é neto de Ego. Neste ponto, antes de partirmos para uma tentativa teórica de fusão dos termos sobrinho e neto, ancore-me no que a experiência etnográfica me mostrou. O mesmo indivíduo 12 é, ao

mesmo tempo, sobrinho e neto do irmão de Ego, representado como indivíduo 2. Durante o período em que estive no Acuputea percebi que o indivíduo 12 tratava Ego como tio e não como avô. A posição do indivíduo 12 dentro da estrutura é uma posição que exige dele habilidade pra lidar com o universo do jogo de parentesco, sendo assim, dirigindo-se a Ego ou ao indivíduo 2 como tio ou avô, atua juntamente com os termos um conjunto de atitudes. Portanto, ao dizer “tio” ou “avô” o indivíduo 12 faz o seu parentesco.

É comum ouvir no igarapé a frase “não têm um aqui dentro desse Acaputeua que não é parente”; muitos dos ribeirinhos do Acaputeua, e em seus afluentes, o Urucunzal e o Pai mucura<sup>2</sup>, possuem o sobrenome Pantoja, ou descendem de alguém com a este sobrenome. O igarapé apresenta-se mais como uma comunidade de parentes. Dessa noção de comunidade de parentes que termos como primo, parente e compare aparecem como peças no xadrez do parentesco<sup>3</sup>. Se todo mundo no Acaputeua é parente, isso coloca a “periferia” da parentela com maiores privilégios de movimentos nesse tabuleiro. Os ribeirinhos do Acaputeua sabem que, por mais que não conheçam todos os moradores do igarapé, a melhor estratégia é aproximar todos, pois num ambiente em que a reprodução social é incerta é sempre bom ter um parente com quem contar. Num contexto espacial, aqueles que moram mais próximos sabem que são em alguma medida primos, embora não saibam se a relação consanguínea existe como fato biológico, isso frequentemente se explica através de adjetivos geográficos onde muitos se tornam os chamados primos distantes.

Por esse motivo é imagem comum ver ribeirinhos passarem nas rabetas<sup>4</sup> e gritarem do meio do rio “hê, parente”. Essa categoria terminológica apresentasse como genérica e com finalidade de cordialidade e a manutenção de vínculos sociais, uma vez que nunca se sabe quando se precisará de um parente. Buscando a evitação do conflito, a desavença – na verdade parece mais a busca da ampliação das redes - que os outros são aproximados por termos genéricos como “primo” e “parente”. Mesmo eu, um completo “desaparentado”, era chamado de parente e com o passar do tempo passei a ser chamado de primo, a ponto de confundir – confusão essa que mais parecia parte do jogo - mesmo aqueles que tinham conhecimento da

---

<sup>2</sup> Urucunzal e Pai mucura são pequenos igarapés que se ramificam do igarapé do Acaputeua.

<sup>3</sup> Roy Wagner (2010) utiliza a metáfora do xadrez para mostrar como o parentesco é um “jogo” de habilidade onde a manutenção das relações é extremamente importante. A “grande jogada” no parentesco, segundo Wagner é conseguir o maior número de estratégias, e para isso é preciso um grande número de relações parentais.

<sup>4</sup> Embarcação semelhante a uma canoa, porém, movida a motor a gasolina.

genealogia local. Mesmo em situações em que eu esclareci a confusão, diziam já estarem acostumado comigo a ponto de me verem como um parente.

Num jogo mais informal, e até mesmo jocoso, o termo *cunhado* surge na busca dessa aproximação. A brincadeira de chamar o outro de cunhado não é uma provocação à honra da família, mas uma provocação ao estreitamento de vínculos sociais. Foi assim que, sem conhecer e sem saber se tinha ou não irmã, cumprimentei um ribeirinho chamando-o por cunhado, e a partir disso começamos a conversar a ponto de mantermos contato mesmo após o término da pesquisa de campo.

### 3. Considerações finais

Pretendi apresentar aqui, sucintamente, nestas reflexões preliminares, que os ribeirinhos do Acaputeua ao utilizarem os termos de parentesco, movimentam, num jogo constante, possibilidade de relações sociais e ações. Os termos de parentesco apresentam-se como signos dentro de outros signos, e são, ainda, formas de fazer. Os termos tio, avô de acordo com o que expomos, levando-se em consideração a distância consanguínea e a geração, são apropriados num jogo semântico e por um sistema de atitudes. Os termos parente, primo, cunhado servem ao mesmo jogo das relações de parentesco, movimentando a afinidade para garantir, no futuro, relações das quais possam se beneficiar. Com isso friso que dentro de contextos específicos, dizer é fazer parentesco, e fazer parentesco é dizer quem é e quem não é parente. Este movimento semântico linguístico e de ações mostra que as relações de parentesco estão, ainda, no cerne de diversos processos de socialização na Amazônia.

### Referências

AUSTIN, J. 1990. Quando dizer é fazer. Porto Alegre: Artes Médicas.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. O trabalho do antropólogo. 2.ed. Brasília: paralelo 15; São Paulo: Unesp, 2006.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1982As estruturas elementares do parentesco. Petrópolis: Vozes.

MALINOWSKI, Bronislaw. 1976. Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. Abril Cultural – Coleção os pensadores. 1ª ed.

\_\_\_\_\_.1920. *As paOrtículas classificatórias da língua kiriwina*” (Classificatory Particles of language Kiriwina) publicado no *Bulletin of the School of Oriental Studies, University of London, Vol. 1, No. 4: 33-78*

\_\_\_\_\_. 2008. *Coral Gardens and Their Magic - A Study of the Methods of Tilling the Soil and of Agricultural Rites in the Trobriand Islands - Vol II: The Language Of magic and gardening*, London:George Allen & Unwin Ltd.

MARTINS, Robert. *Para entender a linguística: epistemologia elementar de uma disciplina*. Robert Martin; tradução Marcos Bagno. – São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

SILVERSTEIN, M. 2004. “*Cultural*” *Concepts and the Language-Culture Nexus*current anthropology *Volume 45, Number 5, December*.

WAGNER, Roy. 2010. *A invenção da cultura.*; tradução Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify.